



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Literatura Surda: uma experiência com a escrita de sinais

Por: Dilcinéa dos Santos Reis<sup>45</sup>

neasantoss@yahoo.com.br

&

Lícia Maria Barbosa<sup>46</sup>

pedrobeninho@yahoo.com.br

### Resumo

O presente trabalho tece considerações acerca da literatura surda. Expõe a importância da realização de atividades em Escrita de Sinais (*Sign Writing*) em salas de aula como auxílio à fomentação da cultura surda. A referida pesquisa se fundamenta em estudos da cultura, comunidade e identidade surdas, percorrendo teóricos voltados aos estudos culturais, bem como as ciências sociais. A conclusão desse trabalho resultou em uma afirmação relacionada à importância de estimular a produção e divulgação de literaturas surdas.

**Palavras-chave:** literatura surda; *Sign Writing*, identidade surda; cultura surda.

---

<sup>45</sup> Mestranda em Crítica Cultural – UNEB, Especialista em Libras, Especialista em Educação Especial, Especialista em Tradução e Interpretação em Libras, Graduação em Pedagogia - Faculdade Santíssimo Sacramento - (F.S.SS - 2007), Graduação em Matemática ( UNEB - 2013), Graduação em Letras/Libras (UFPB - 2016). Professora da Rede Municipal de Alagoinhas - Professora de Surdos, professora de Matemática, e Professora da UNIRB ( Faculdade Regional da Bahia). Possui experiência profissional na área de Educação Especial, com Ênfase na Surdez, Libras, Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização e Letramento, Práxis Pedagógica, História da Cultura Afro e Indígena, História da Educação, Estágio Supervisionado e Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos, Ensino da Matemática I e II.

<sup>46</sup> Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pelo Pós Afro/UFBA, (2013), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (1999), Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1995). É professora da Universidade do Estado da Bahia, com atuação no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural - PÓS-CRÍTICA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Ações Coletivas (TECEMOS/UNEB/CAMPUS XI). Coordenando a linha de pesquisa: Cultura, Identidades e Corporeidades e membro do grupo de pesquisa Iraci Gama, na linha Letramento, Identidades e Formação do Professor do PPG em Crítica Cultural/UNEB/CAMPUS II. Membro do Instituto Ceafro/ICEAFRO: Educação para a Igualdade Racial e de Gênero. Tem experiência na área de sociologia e antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: relações raciais e de gênero, identidades, geração, mulheres negras, hip-hop, feminismos, relações étnico-raciais, de gênero e educação, história e cultura afro-brasileira e Africana.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### Resumo

La nuna verko faras konsiderojn pri la surda literaturo. Ĝi eksponas la gravecon efektiviĝi agadojn en subskriba redaktado en klasĉambroj kiel helpo al la antaŭenigo de surda kulturo. Ĉi tiu esplorado baziĝas sur studoj pri surda kulturo, komunumo kaj identeco, kovrantaj teoriojn enfokusigitajn sur kulturaj studoj, kaj ankaŭ sociaj sciencoj. La konkludo de ĉi tiu laboro rezultigis deklaron ligitan al la graveco stimuli la produktadon kaj disvastigon de surda literaturo.

**Ŝlosilvortoj:** Surda literaturo; Signoskribo, Surda identeco; Surda kulturo.

### Abstract

The present work makes considerations about the deaf literature. It exposes the importance of carrying out activities in Sign Writing in classrooms as an aid to the promotion of deaf culture. This research is based on studies of deaf culture, community and identity, covering theorists focused on cultural studies, as well as social sciences. The conclusion of this work resulted in a statement related to the importance of stimulating the production and dissemination of deaf literature.

**Keywords:** deaf literature; Sign Writing, deaf identity; deaf culture.

### Introdução

A literatura está imbricada no processo de ensino-aprendizagem, sua eficácia na educação já foi afirmada e reafirmada pelos mais diversos autores. A literatura estimula a criatividade, amplia o vocabulário, trabalha com as emoções, gera sentido e constrói identidade. O livro tornou-se artefato indispensável ao desenvolvimento escolar e à afirmação cultural. Nesse sentido, COELHO (1991, p. 25) afirma que:

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, onde se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a Arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma atividade (COELHO, 1991, p. 25).

Partindo da premissa de que o ensino da literatura é importante para o processo de aprendizagem, faz-se necessário pensar na adequação da literatura às



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

condições cognitivas e sociais dos alunos. Propõe-se, no presente estudo, que essa mesma oportunidade deve ser dada aos estudantes surdos.

A Língua de Sinais Brasileira é uma língua visual-gestual, que foi reconhecida e aceita como segunda língua oficial brasileira apenas em 2002, através da Lei 10.436. A Libras possui sua gramática própria, seja na área da fonologia (quirologia), morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Ela é uma língua completa que oferece aparato não só para o surdo, mas para aquele ouvinte que deseja aprendê-la, como vemos a seguir:

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 02)

Já a Escrita de Sinais (*Sign Writing*), de Valerie Sutton, é um sistema de escrita, que só começou a ser desenvolvida no Brasil no ano de 1996, e poucas são as obras literárias produzidas no País que utilizam essa escrita. O *Sign Writing*, segundo Cavalcanti *apud* Quadros (1997), expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação. Existem dez grupos de símbolos para as mãos. As mãos agrupadas de acordo com quais dedos são usados. O *Sign Writing* é dividido em dez categorias: mãos, contato das mãos, faces, movimentos do corpo e da cabeça, ombro, membros, inclinação da cabeça, localização, movimento de dinâmicas e pontuação. Nesse sentido, livros de literatura com o texto na Escrita de Sinais desempenham um papel fundamental na divulgação dessa língua e dessa tradição escrita. Afinal, MORAIS e LUNARDI-LAZZARIN (2009, p. 25), reforçam que o surdo é “um sujeito possuidor de uma língua, de uma cultura e de identidades múltiplas, um sujeito social e politicamente construído, diferente.”

Sabemos que a inserção da Libras nas escolas brasileiras caminha a passos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lentos. Na cidade de Alagoinhas-BA, o cenário atual está evoluindo, mas ainda não atende às expectativas, não só no âmbito educacional, mas no que concerne à valorização de produções culturais produzidas por ou voltadas para pessoas surdas. O ensino da Língua de Sinais em Alagoinhas iniciou-se no bairro de Santa Terezinha, na Escola Comunitária Nova Esperança, fundada pelo Irmão Rodolfo de Taizé, em 1995. As aulas aconteciam em encontros promovidos na Comunidade Taizé que recebiam portadores de diferentes necessidades especiais, incluindo os surdos. Pessoas foram capacitadas para o ensino da Libras, o que permitiu a integração de alunos surdos na Escola Comunitária Nova Esperança que, hoje, faz um trabalho inclusivo de alunos surdos e ouvintes aprendendo na mesma sala de aula.

A educação de surdos ganhou uma proporção significativa, a partir dessa iniciativa tomada num bairro periférico da cidade, até ganhar mais força a partir da Lei 10.436 e alcançar diversas escolas do município, chegando até às escolas estaduais, como Magalhães Neto, e CETEP (Centro Territorial do Agreste Baiano). A Libras vem sendo e aplicada também nas instituições de ensino superior da cidade de Alagoinhas, fazendo parte do currículo acadêmico de diversas instituições, a exemplo, UNEB, Santíssimo Sacramento, Santo Antônio e UNIRB.

Retomando a discussão em literatura surda, abordaremos identidade e cultura surda, pois, é através desses dois tópicos que se constitui o povo surdo. A comunidade surda também possui suas narrativas, poemas, piadas e mitos que compõem e evidenciam a identidade e cultura surda. Quadros e Sutton-Spence explicam a riqueza e o hibridismo da identidade surda no trecho a seguir:

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngüe e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

partilhadas com pessoas ouvintes de seu país. (Quadros e Sutton-Spence, 2006).

A experiência de vivenciar duas ou mais línguas é enriquecedora, tanto para o processo de aprendizagem quanto para a integração cultural, por isso, se pensou na possibilidade de integrar os alunos ouvintes na leitura de um livro em *Sign Writing*. Esse pensamento fez surgir a pergunta: quão relevante seria inserir a literatura em Escrita de Sinais nas escolas da cidade de Alagoinhas-BA? Entende-se aqui que a cultura surda precisa ser mais trabalhada nas escolas do município de Alagoinhas, independente de haver surdos matriculados. Esta proposta visa motivar o desenvolvimento cultural de crianças ouvintes, objetivando fomentar a igualdade seja ela cultural, social, linguística ou identitária.

Para este estudo, realizou-se pesquisa bibliográfica, utilizando obras de alguns teóricos da crítica cultural, ciências sociais, bem como teóricos surdos que estudaram e analisaram as questões voltadas para identidade e cultura surda. A pesquisa inclui também estudo de caso por meio de observação participante, realizado em duas escolas da rede municipal da cidade de Alagoinhas-BA.

### **O Conto Literário**

Ao refletir sobre cultura e identidade surda registrada em obras literárias impressas em Escrita de Sinais, observa-se que ela não pode simplesmente existir, ela precisa ser divulgada e trabalhada na sociedade para cumprir o seu papel social. LAJOLO (1987, p. 38), afirma que “a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia”.

Trujillo Ferrari (1982, p. 228), diz que a pesquisa de campo corresponde à coleta direta de informação no local em que acontecem os fenômenos. Lakatos (2001, p. 43), por sua vez, vem corroborar quando afirma que a pesquisa de campo é o levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. A abordagem



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aplicada nesse artigo foi qualitativa e a análise de dados, indutiva. Dessa forma, esse trabalho perpassou pelo estudo de caso.

O estudo de caso foi realizado em duas escolas de Alagoinhas e para desenvolver a atividade de literária, optou-se por fazer a leitura de um conto em *Sign Writing*. Para a realização da leitura com as turmas, foi utilizado o conto “Cinderela Surda”, criado por Lodenir Becker Karnopp, Caroline Hessel e Fabiano Rosa. O conto foi selecionado como material de suporte para a pesquisa por ser o primeiro livro em Escrita de Sinais e por “Cinderela Surda” ser bilíngue (Libras/Língua Portuguesa). Os contos de fadas estimulam a imaginação e mexem com os sentimentos. Os ouvintes torcem pela vitória dos personagens e a conquista da felicidade só vem depois da superação de diversos obstáculos e do enfrentamento de muitas dificuldades. Gagliardi e Amaral trazem mais informações sobre os Contos de Fadas:

Os contos de fadas são histórias muito antigos. Sua origem se perde no tempo. Sabemos que, no início de sua existência, eles eram transmitidos de boca em boca: quem ouvia uma história, memorizava-a e contava-a para outras pessoas, que faziam o mesmo. Assim, eles fazem parte da herança cultural que conhecemos como tradição oral. A tradição oral é um modo de conservar conhecimentos e transmiti-los de uma geração para outra pelas conversas, pelas histórias, sem registros escritos. Esses contos foram mudando ao longo dos séculos. Como já deve ter ouvido dizer, “quem conta um conto aumenta um ponto”. Ou seja, as pessoas, ao recontarem uma história, modificam-na. Mas não é à toa que os contadores de histórias aumentam, diminuem ou mudam aquilo que contam. Os contadores adaptam as histórias aos diferentes públicos a que se dirigem. Eles são influenciados por seu tempo e pelo lugar onde vivem. Assim, as histórias sofrem mudanças, porque incorporam os modos de vida e de pensar das pessoas das diversas épocas e regiões por onde circularam e circulam (GAGLIARDI; AMARAL, 2001, p.15).

Essa versão, publicada em 2003, visa recontar esse clássico levando em consideração a identidade surda. Como os próprios autores trazem:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, nesse texto, é recontar essa história a partir de uma outra cultura, uma cultura surda. Assim, este livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecida também como *sign writing* (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003, p.5).

### Estudo de Caso

As instituições de ensino que participaram do estudo foram a Escola Comunitária Nova Esperança e o Colégio Murilo Coelho Cavalcanti, essas escolas foram selecionadas por possuírem turmas inclusivas, com alunos surdos. A atividade de leitura do conto foi realizada em quatro turmas, duas turmas de cada escola.

A Escola Comunitária Nova Esperança possui 10 turmas, dessas, 4 são inclusivas. O total de alunos surdos na escola é de 20. É uma instituição de Ensino Fundamental I. Trata-se de uma escola de 2º a 5º ano com alunos de 07 anos a 30 anos. A escola recebe também alunos de EJA – Educação de Jovens e Adultos. Já o Colégio Murilo Coelho Cavalcanti possui 6 turmas e todas são inclusivas. O total de alunos surdos na escola é de 60. É uma instituição de Ensino Fundamental II. Trata-se de uma escola de 6º a 9º ano com alunos de 12 anos a 30 anos. A escola recebe também alunos de EJA – Educação de Jovens e Adultos.

As turmas selecionadas serão nomeadas aqui de A, B, C, D, E e F. A turma A possui 20 alunos ouvintes e nenhum aluno surdo. A turma B, 18 alunos ouvintes e nenhum surdo. A turma C possui 17 alunos, desses, 5 surdos. A turma D, 20 alunos sendo 6 surdos. A turma E com 18 alunos sendo 3 surdos. A turma F, 20 alunos, desses, 2 surdos.

A pesquisadora entrou nas respectivas turmas, se apresentou, informou a atividade que seria realizada. Em seguida, foi feita a separação dos alunos surdos dos alunos ouvintes, pois, a forma de aplicação da atividade para os surdos difere da dos ouvintes.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Durante a sinalização da história, os alunos permaneceram bem atentos aos sinais e até os ouvintes que sabiam pouco de Libras prestaram bastante atenção. Após a interpretação do conto “Cinderela Surda” foi aplicada uma atividade escrita, seguida de um jogo relacionado à história. Ao final da atividade, em cada turma, 4 alunos foram convidados para avaliar a experiência. Os estudantes foram questionados e os seguintes resultados obtidos:

Turma A:

A grande maioria pediu para que a pesquisadora retornasse mais vezes com outras histórias de surdos.

Turma B:

Os alunos disseram que desconheciam histórias onde os personagens eram surdos e se sentiram motivados a procurar outras histórias

Turma C:

Como os alunos surdos também desconheciam histórias onde os personagens eram surdos. Questionaram acerca de outras histórias com surdos. Pediram para a pesquisadora retornar com mais histórias parecidas com aquela.

Turma D:

Nessa turma, 50% dos alunos surdos disse já conhecer a história e a outra metade desconhecia. Os alunos se comportaram de forma mais tímida e não se mostraram tão curiosos quanto os alunos da turma C.

Turma E:

Solicitaram que a pesquisadora retornasse com outros contos surdos.

Turma F:

Os alunos se mostraram surpresos porque não sabiam que existiam histórias dessa natureza. Também solicitaram outros contos surdos.

Após a narração da história, para verificar o entendimento por parte dos alunos, as seguintes perguntas foram realizadas, em português para os ouvintes e em





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

LIBRAS para os surdos: “Entenderam o texto?”, “O que acharam da atividade?” e “De quê fala a história?”, foi nesse momento que muitos solicitaram o retorno da pesquisadora com outro conto. Em seguida, visando explorar a interpretação do texto de forma individual para obter o entendimento de cada aluno, foi aplicada atividade escrita que consistia em imagens retiradas do livro e a seguinte pergunta: após assistir a história Cinderela Surda vamos tentar escrever com suas palavras o que você conseguiu compreender nas cenas abaixo:

A atividade escrita serviu para analisar o grau de compreensão das crianças em relação à narrativa. Nas respostas, elas demonstraram um entendimento satisfatório da história narrada e fizeram relações coerentes sobre as cenas exibidas.

No momento das entrevistas percebeu-se que os alunos têm muito pouco ou nenhum contato com histórias relacionadas a surdez. Dessa forma, nota-se a importância de difundir e divulgar mais a literatura surda para mostrar, tanto para a comunidade ouvinte quanto surda, que os surdos são sujeitos que possuem cultura e identidade próprias. A partir da revisão de literatura e do estudo de caso, ficou clara a relevância social de atividades como a realizada nesse estudo, a literatura se faz grande aliada na formação do sujeito, na construção de sua cultura e identidade e no fortalecimento de uma língua, nesse caso em particular, a Libras. Como nos diz Umberto Eco (2003, p 2010), “a literatura mantém em exercício, antes de tudo, a língua como patrimônio coletivo”.

### **Considerações Finais**

Conforme o que foi exposto e apresentado, podemos afirmar que a literatura surda contribui para o desenvolvimento e empoderamento da comunidade surda brasileira. Assim, ela precisa ser mais trabalhada nas escolas do município de Alagoinhas - Bahia, independente de haver surdos matriculados, pois, dessa forma, a cultura e a identidade surda serão difundidas no município, além de mostrar que tanto



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o ouvinte como o surdo tem seu espaço na sociedade. Dessa forma, as informações contidas nesse trabalho, acerca de cultura e identidade surda, serviram para afirmar que é preciso promover o ensino da literatura surda em todas as escolas, sejam elas do âmbito municipal, particular ou estadual.

A difusão de literatura em Escrita de Sinais nas escolas não é a única coisa que se espera a partir desse estudo. Por isso, fica a proposta para que se abra espaço para produções culturais e literárias — que é o ponto desse artigo — oriundas da comunidade surda. Sabemos que nem todos os livros que possuem personagens surdos são produções surdas. Por isso, registrar e propagar a cultura das comunidades surdas em Alagoinhas-BA fica como proposta para os próximos passos dessa longa jornada.

## REFERÊNCIAS

COELHO, N. N. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Quiron, 1981.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1991.

ECO, U. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERREIRA BRITO, L. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

GAGLIARDI, E. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: narrar: conto de fadas/ Eliana Gagliardi, Heloisa Amaral. São Paulo: FTD, 2001, (Coleção Trabalhando com os gêneros do discurso).

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. **Cinderela Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. 8. ed. São Paulo. Brasiliense. 1987.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 4.ed. São Paulo. Atlas, 2001.

QUADROS, R. M de. **Educação de Surdos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira – estudos lingüísticos**. Artes Médicas, 2004.

SANTANA. A. P. BERGAMO. Alexandre. **Cultura e identidade surdas: Encruzilhadas de lutas sociais e teóricas**. Edu. Campinas. 2005.

STUMPF, I. R. Funções da biblioteca escolar. **Cadernos do CED**, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 67-80, jul./dez. 1987.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo. McGraw-Hill, 1982.